



A  
SAGA  
DRACONÍPIA

SOPHIE DUPONT E A MÃE DOS DRAGÕES





A  
SAGA  
DRACONÍANA

**SOPHIE DUPONT E A MÃE DOS DRAGÕES**

A· G· OLYVER

1ª Edição

2020

Catálogo na publicação (CIP)  
Ficha Catalográfica feita pelo autor

0153S

Olyver, A. G., 1984

I. A Saga Draconiana - Sophie Dupont e a  
Mãe dos Dragões/ A. G. Olyver. - 2020  
347 P. ; 21 cm.

I. Literatura Brasileira. 2. Ficção.

I. Título

CDD: B869.3

CDU:821.134.3(81)-31

Direitos Reservados ao Autor

## DEDICATÓRIA

Esse terceiro volume de A Saga Draconiana encerra um arco muito importante, não somente para a personagem principal, mas também para mim, como escritor. Os três volumes, totalizando mais de mil páginas, só foram concluídos porque muitas pessoas acreditaram nesse projeto e me deram força e, em muitos momentos, me cobraram, para que isso fosse levado a cabo.

Dentre essas pessoas, claro, primeiramente quero agradecer à minha mãe *Nerci Maria Godois de Oliveira*, sem a qual eu sequer teria começado a carreira de escritor e, em seguida, obviamente, à minha esposa *Gleyce Kelly Costa Duarte*, a qual está também nas três dedicatórias dessa saga, muito merecida, por me aturar durante o processo de escrita e apoiar e encorajar esse trabalho que exige tanto do escritor.

Não poderia deixar de agradecer, claro, ao meu querido, e velho amigo, *Maicon Garcia Clemente*, que sempre, repito: *sempre!* esteve me apoiando e me cobrando e, mais que isso, acreditando em todo o meu potencial como escritor, desde o início, lá por volta dos anos 2000. A ele, claro, só tenho que agradecer imensa e eternamente.

Aos meus leitores, é claro, destaco um, sempre, que periodicamente me cobra sobre a continuação da saga e, felizmente, posso entregá-la agora com esse arco finalizado, com a consciência tranquila. *Maurício Tadeu Campos Belchior*, meu sincero e imenso obrigado.

E, sem mais delongas, achando-se tudo justo e perfeito, vamos seguir ao terceiro volume dessa Saga incrível!

A. G. Olyver



A · G · OLYVER



# SOPHIE DUPONT E A MÃE DOS DRAGÕES

## SUMÁRIO

I – OUROBOROS .....	11
II – NOVOS AMIGOS DO ORIENTE .....	35
III – A PODEROSA DRAKKAR DE FOGO .....	61
IV – MITOS DO PASSADO .....	83
V – DESPEDIDAS .....	107
VI – A PRIMEIRA E ÚNICA .....	127
VII – EQUILÍBRIO .....	155
VIII – MUDANÇA DE PLANOS .....	181
IX – PONTO SEM VOLTA .....	203
X – CHAE .....	249
XI – RIN .....	269
XII – CONFRONTO DE TITÃS .....	297
XIII – TIAMAT, A MÃE DOS DRAGÕES .....	323
<b>EPÍLOGO .....</b>	<b>343</b>



A · G · OLYVER





## OUROBOROS

Olhei para o chão. A sensação fria e o seu aspecto pedroso contrastavam com o metal que se estendia por algumas partes, como se juntasse os enormes blocos de pedra. O local tinha as paredes cobertas por uma tintura branca e, de alguma forma, realmente me lembrava um quarto em algum sanatório. No teto, uma luz iluminava o local, mas não conseguia identificar exatamente qual sua fonte.

– Sophie... – ouvi a voz novamente me chamando a atenção.

Olhei-a. Ainda estava desnorteadada com o que havia acontecido que sequer me dera conta, realmente, que estava diante de Chaerin,



finalmente; mesmo que àquela altura já não fizesse muita diferença, uma vez que Tiamat já estava solta.

– Chaerin – murmurei confusa.

Senti minhas forças se exaurindo pouco a pouco e uma forte dor interna. Uma queimação aguda nas costas e no peito. Era como se naquele lugar não houvesse mais oxigênio.

Tentei pôr-me de pé, mas estava ficando mais difícil. E, em meus pensamentos, só conseguia lembrar-me de Aimée que, em minha última visão, parecia estar de desintegrando pelo poder de Tiamat.

– Tenha forças, Sophie, levante-se... – ela disse encorajando-me.

Juntei o pouco de energia que ainda me restava e me ergui, com certa dificuldade.

Chaerin estava como sempre vira em minhas visões: presa por uma espécie de camisa de força com correntes negras, provavelmente monazita e ferro, com grandes cadeados estranhos. Seu rosto, feliz em me ver, era exatamente como me lembrava. Seus olhos, no entanto, ao invés do brilho prateado com os detalhes em diamante que me chamaram tanto a atenção, mostravam uma cor castanha escura e brilhante, típica dos asiáticos.

Instintivamente levei minha mão por dentro da minha roupa e puxei a chave que levava comigo durante todo aquele tempo, protegida pelo uniforme Lorem.

– Isso! – exclamou Chaerin ao ver a chave pequena e estranha – Liberte-me – ela disse ansiosa.

Cambaleei até ela e soltei o primeiro cadeado. Ela me olhou profundamente e sorriu.



## SOPHIE DUPONT E A MÃE DOS DRAGÕES

Não havia reparado, mas os seus cabelos platinados eram mais volumosos do que me lembrava, indo até a cintura e, realmente, ela era mais baixa também. Devia ter no máximo um metro e sessenta e dois, talvez sessenta e três centímetros.

– Como estão as coisas? – ela perguntou enquanto eu soltava os outros cadeados.

– Não consegui mais entrar em contato com você... – resmunguei.

Eu estava muito brava com tudo aquilo, mas, qualquer reflexão sobre o assunto me faria ver que aconteceria a mesma coisa se Chaerin estivesse conosco e tivéssemos vencido os Lordes. Quetzal iria ficar viva, mas não conseguiria conter Tiamat e esta estaria livre de qualquer forma; ou seja, o fim seria o mesmo.

– Você está sentindo sua vida sendo drenada? – ela perguntou.

Eu sentia. Aquele local era feito para sugar todas as forças de qualquer Drakkar e, de fato, era feito para sugar as forças *dela*, que eram muito superiores.

– Sim – respondi entendendo o que ela quisera dizer.

Deveria ser muito desgastante para ela se comunicar com o mundo exterior estando constantemente sendo drenada daquela forma. Na verdade, era até mesmo inacreditável que ela tivesse sobrevivido todos aqueles anos presa ali.

– Eu tentei, Sophie – ela disse – Acredite. Tentei muito ajudar você.

Baixei a cabeça enquanto removia o último cadeado deixando as correntes escorregarem por conta ao chão. Eu sabia que ela havia tentado. Podia sentir a verdade em suas palavras.

– Ei – ela me chamou.



Olhei-a. Seus olhos finos e compridos quase se fechavam enquanto ela sorria; o que equilibrava com seu rosto esguio. Chaerin passava um ar muito amistoso.

– Você parece ter passado por maus bocados – ela comentou.  
Concordei com a cabeça.

Lembrei-me de Aimée, Björn, Helena, Heinrich, Alana e tantos outros que perderam a vida naquela luta sem sentido, desencadeada por Fraener e seus companheiros. Meu coração estava em pedaços. Minha força de vontade estava esgotada e o ânimo era a palavra mais distante da minha existência.

– Pronto... – murmurei enquanto removia aquela espécie de camisa de força, deixando-a completamente livre.

Chaerin terminou de sair daquela camisa e deu alguns passos para frente. Seu rosto expressava uma alegria que eu jamais poderia calcular. E eu a entendia. Mais de um século presa naquele lugar. Tudo o que ela mais sonhava era estar livre.

Ela me olhou como se não conseguisse acreditar no que estava acontecendo.

– Obrigada – ela me abraçou forte, segurando-me firme por alguns instantes.

Eu a abracei e me segurei para não chorar. Eu estava realmente muito abalada e não aguentava mais aquela situação. Não conseguia conter toda aquela dor que, mesmo sendo uma Drakkar, parecia que iria me sobrepujar a qualquer momento.

– Obrigada, de verdade – ela sorriu dando um passo para trás – Não vou ficar mais um segundo aqui.

Chaerin respirou fundo e uma luz muito forte tomou conta de seu corpo. Uma luz tão forte que me fez virar o rosto por um breve



momento. Ao voltar-me para ela, vi que havia sumido, deixando-me sozinha naquele lugar.

– Chaerin! – gritei assustada.

Minhas pernas bambas e a falta de energia me obrigaram a me pôr de joelhos. Estava ficando sem forças por causa da monazita.

Não podia acreditar no que estava acontecendo. Ela teria coragem de me deixar ali e ir embora daquela forma? Teria realmente me usado daquele jeito como previra Quetzal? Não podia acreditar. Não era verdade.

– Chaerin! – gritei mais uma vez a plenos pulmões antes de cair deitada.

Não pude mais conter aquela angústia e comecei a chorar.

A dor era enorme. As lágrimas eram pesadas demais. Meus amigos, todos mortos, e eu ali, caída como uma inútil, sem ter conseguido fazer o suficiente para proteger as pessoas que agora estavam a mercê do poder destrutivo e da maldade de Tiamat. E, Chaerin, minha única esperança de poder fazer alguma coisa, nem que fosse morrer lutando, tinha me abandonado ali depois de tê-la libertado como tanto queria.

Mantive-me naquele estado por pelo menos uma hora, desolada, tendo a energia sugada junto com minha vida, sentindo-me traída, abandonada. Permaneci pensando em todos e tudo o que poderia ter feito diferente, enquanto meus olhos ficavam cada vez mais pesados e minha respiração mais difícil. Minha energia estava terminando e eu não tinha mais o que fazer. Assim a escuridão veio vagarosamente e foi tomando minha consciência conforme meu corpo ia adormecendo, talvez pela última vez. E, dessa forma, seguiu até tudo



estar completamente esquecido naquele abismo no fundo do Mar da China.

– Sophie – ouvi uma voz ecoando naquele vazio tenebroso.

Estava inerte lá, mas certamente fazia algumas horas que me encontrava naquele estado.

– Sophie, você me vê? – ouvi novamente a voz que reconheci em seguida.

– Sheila? – perguntei em pensamentos.

– Sim, sou eu – ela respondeu – Finalmente dormiu. Não conseguia achar você...

– Você está sem me contatar desde quando lhe pedi para encontrar Helena... – comentei.

– Peço desculpas por isso – ela disse – Naquela época perdi muita energia e quase que fui dessa para melhor de vez.

– Sinto muito – disse preocupada com ela.

– Está tudo bem – ela disse em tom de riso – Agora que sei onde você está, acorde, pois logo virá ajuda. Não podemos perder tempo... – encerrou, desaparecendo sua presença.

Acordei no mesmo instante. Meu corpo, totalmente enfraquecido, mal conseguia se mexer naquele chão frio. Forcei uma última vez e tentei pôr-me de pé. Minhas pernas trêmulas deram o melhor de si e conseguiram me deixar, pelo menos, de joelhos, enquanto me equilibrava com uma das mãos no chão.

De súbito senti a pressão no ar mudar, como se ela se tornasse mais pesada. Já havia sentido aquela sensação diversas vezes, mas aquela ali, em particular, não poderia estar acontecendo.



## SOPHIE DUPONT E A MÃE DOS DRAGÕES

– Não acredito... – resmunguei tirando energia das entranhas para ficar em pé.

Vi com meus próprios olhos e com muita alegria quando o espaço se partiu e dele surgiu Aimée, bem na minha frente.

– Aimée! – gritei extasiada.

– Sophie! – ela sorriu, caindo de joelhos em seguida, ficando séria.

– Cuidado – agarrei-a.

– Acho que tem um pouco de sala nessa Monazita – ela riu – Vamos logo que já estou muito fraca – ela disse.

Aimée se segurou em mim e soprou o *Sopro de Fenda*, tirando-nos dali. Mais uma vez me senti sugada para o abismo por onde atravessávamos e, assim que saímos da fenda, caímos jogadas em queda livre.

– Oops! – gritou Aimée enquanto despencávamos de certa altura, aterrissando de cabeça em uma areia branquinha e fofa, rolando pelo que parecia ser uma duna.

Não sabia o que pensar, só queria rir e aproveitar aquele momento ao Sol com minha melhor amiga que, por um milagre, estava viva.

– Aimée! – gritei abraçando-a – Você está viva!

– Pela pura sorte – ela riu.

– Não acredito nisso – disse – Não faz ideia da angústia que passei achando que você tinha morrido!

– Quando eu a enviei até Chaerin – Aimée disse – Senti meu corpo tão energizado, que começou a emitir uma luz. Senti uma pressão forte em cada célula... Achei que ia explodir...

